

## Primeira parte - O Cebrap nos anos 70

Período formativo (1969-1971)

Bernardo Sorj

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. O Cebrap nos anos 70: Período formativo (1969-1971). pp. 30-40. ISBN: 978-85-99662-47-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

### III. Período formativo (1969-1971)

#### **Surgimento da idéia**

A idéia de organizar um centro de pesquisa e debate que permitisse superar uma série de constrangimentos ligados ao clima acadêmico que se vivia na USP tinha surgido bem antes das cassações produzidas pelo Ato Institucional n.5, até certo ponto antecipando a eventualidade de expurgos nas universidades. Em 1966-67, ainda no Chile, Fernando Henrique Cardoso havia discutido com Carlos Estevam Martins e Vilmar Faria, que ali se encontravam trabalhando na Flacso e no ILPES, a possibilidade de formar um centro de pesquisas, fosse reativando o antigo CECID no interior da USP, fosse criando um novo centro.

Em 1968, já no Brasil, realizaram-se várias reuniões na Faculdade de Higiene em São Paulo, visando a criação de um núcleo de pesquisa que servisse de base para a organização do centro, o que explica inclusive por que o Cebrap seria integrado por professores não cassados, como J.B. Lopes e Cândido Procópio Ferreira Carmargo, ligados à idéia original de criação de um centro de pesquisa. Em dezembro de 68 viria o AI-5. As cassações que se sucederam em abril de 69 não só acelerariam o processo de constituição de um instituto de pesquisas — pois caso contrário, sair do país era a única alternativa profissional —, como também serviriam para ampliar o grupo original de maneira a integrar os intelectuais afetados pelas medidas do governo. Imediatamente predominou entre os participantes das reuniões preliminares o princípio de que o centro a ser criado deveria acolher a todos os que tivessem sido atingidos pela repressão.

Existia, então, de acordo com um entrevistado, uma espécie de “consenso no sentido de que pessoas que tinham sido cassadas possuíam quase que um direito automático de ingressar no Cebrap”. Sob este ponto de vista, pelo menos, pode-se dizer que os integrantes do Cebrap foram escolhidos “a dedo” pelo próprio governo. Obviamente nem todos os aposentados compulsoriamente pelo regime militar chegaram de fato a integrar-se no Cebrap, por diversos motivos, apesar de convidados.

Depois de alguns encontros, o Cebrap foi fundado em 3 de maio de 1969. Na ata de constituição 27 pessoas constavam como fundadoras do instituto, que, sob a presidência de Cândido Procópio Ferreira Camargo, começou a funcionar numa casa da rua da Bahia, em São Paulo. Por decisão da assembléia o número de sócios fundadores seria ampliado em 1971 para 72 (Relatório Cebrap, 1971).

No clima de repressão e medo que se vivia no final da década de 60, dois fatos importantes contribuíram para a sobrevivência imediata e consolidação do Cebrap: em primeiro lugar, a ajuda financeira da Fundação Ford, e, em segundo, os vínculos estratégicos que a instituição, através de alguns de seus membros, conseguiu manter com setores mais liberais do empresariado, da classe política, da Igreja e da intelectualidade em geral, sobretudo em São Paulo. Vejamos o primeiro ponto.

Paralelamente a discussões que se desenvolviam em São Paulo para definir as bases do centro, realizaram-se esforços no sentido de conseguir suporte econômico que viabilizasse sua existência através de apoios de empresários, sem resultados. De início era necessária uma quantia considerável para montar a infra-estrutura mínima e garantir de imediato o salário dos pesquisadores associados. As possibilidades de angariar recursos para este fim eram reduzidas, a nível estadual, e quase nulas, a nível federal. Decidiu-se, então, sondar a possibilidade de a Fundação Ford vir a colaborar no projeto. As conversações mantidas no Rio por Fernando Henrique Cardoso culminaram na promessa da Ford de conceder 100 mil dólares como primeiro passo para deslanchar as atividades do Centro. Desde o início, Cândido Mendes prestou seu apoio e colocou

à disposição sua estrutura institucional para que o Cebrap pudesse receber apoio financeiro, mas este não chegou a ser utilizado.

Desde 1969 e até 1976, a vida financeira do Cebrap estaria, em grande parte, ligada às doações daquela instituição. Mesmo assim, nunca foi suficiente para cobrir todos os gastos nem para eliminar o elevado grau de incerteza econômica a que estiveram sujeitos seus membros ao longo do período. Como veremos, o fato de o Cebrap não ter assegurado seu futuro financeiro a longo prazo e, pelo contrário, ser forçado a investir constantemente parte de seu tempo e esforços na renovação de fontes já existentes ou na procura de outros apoios, complicará sua dinâmica científica e institucional.

Quando a notícia da disposição da Ford de apoiar o Cebrap chegou a São Paulo, desencadeou uma intensa polêmica em torno da conveniência de aceitá-la ou não. Alguns manifestaram receio diante do significado político e mesmo moral que a aceitação do dinheiro dessa instituição poderia ter naquele momento, e das possíveis restrições de ordem intelectual que este tipo de vínculo poderia acarretar para os membros do Centro. O impasse foi superado a partir de uma proposta da própria Ford, através de seu representante no Brasil, William Carmichael: dar apoio institucional desvinculado de qualquer exigência que significasse imiscuir-se na avaliação ou julgamento dos projetos apresentados.

Bolívar Lamounier, que na época tinha um certo trânsito junto à Fundação e que pouco depois passaria a integrar o Cebrap, desempenhou um papel de intermediário nas negociações. Enfim, a solução encontrada foi considerada satisfatória pela maioria, embora alguns tenham optado, em função disso, por dissociar-se do projeto. Octávio Ianni, que no início não participou da criação do Cebrap — pois se opunha ao financiamento da Ford —, veio, um ano depois, integrar-se; já Florestan Fernandes não aceitou o convite.

Dentre as primeiras propostas de pesquisa apresentadas à Fundação Ford pelo Cebrap, duas já tinham sido iniciadas anos antes na USP, no Centro de Estudos de Dinâmica Populacional

criado em 1966 e onde trabalhavam, além de Elza Berquó, Paul Singer e Cândido Procópio Ferreira Camargo: uma delas era um estudo sobre população e outro um levantamento sobre fecundidade em São Paulo. Desde essa época esses projetos já vinham sendo financiados pela Fundação Ford. Portanto, para a instituição norte-americana o apoio a esta linha de pesquisa no Cebrap representava também uma forma de dar continuidade a investigações numa área considerada prioritária.

No Cebrap os estudos demográficos e de população chegariam a expandir-se consideravelmente, a ponto de absorver boa parte de seus recursos materiais e humanos. A excessiva importância que assumiu essa área teve, como se verá, repercussões importantes na história do Cebrap, criando conflitos internos e opiniões divergentes a respeito de seus resultados.

O segundo fator que contribuiu para que o Cebrap conseguisse arraigar-se num contexto de condições particularmente adversas foram os vínculos que alguns de seus membros tinham com os setores liberais da elite — sobretudo paulista (entre os empresários — todos com forte orientação intelectual — destacam-se os nomes de José Mindlin, Celso Lafer, Oswaldo Gusmão, P. Farkas e, entre os políticos, Paulo Egídio e Severo Gomes). Em 1970 Frank Bonilla, num memorando escrito na qualidade de consultor da Fundação Ford, manifestava a impressão de que o Cebrap não seria atingido pela repressão política precisamente devido a seus vínculos “bastante diversificados, tanto ao nível dos indivíduos como ao nível de relações com instituições”.

Entre os primeiros apoios recebidos pelo Cebrap, deve-se destacar a importância daquele oferecido, por segmentos empresariais e por economistas da Fundação Getúlio Vargas, artistas, advogados, jornalistas e políticos, muitos dos quais foram consultados pela Fundação Ford a respeito da viabilidade de um instituto como o Cebrap sustentar-se nas condições do momento; suas opiniões pesariam certamente na decisão final da Ford, ao mesmo tempo em que significavam, desde já, um respaldo político tácito. No mesmo sentido as ligações propiciadas, sobretudo por Cândido Procópio, com figuras importantes da Igreja em São Paulo serviriam

também para diminuir o isolamento do Cebrap, tornando-o desta forma menos vulnerável à ação repressiva do governo.

Partindo de uma percepção clara dos limites que o momento político impunha, o Cebrap definia seus objetivos orientando-os basicamente para a realização de atividades de pesquisa. Além disso, o Centro deveria cumprir funções correlatas, as quais, embora "... possam parecer óbvias ou reiterativas, no contexto atual da vida universitária e científica no Brasil, são quase ou tão importantes quanto a própria pesquisa", consistiam: "a) aglutinar cientistas sociais; b) criar contatos com instituições similares; c) estimular o diálogo e o trabalho interdisciplinares reunindo profissionais de variada formação profissional, e d) criar condições para que os cientistas sociais pudessem levar adiante seus projetos de pesquisa porventura interrompidos" (Cebrap, Relatório 1970, p.1 e 2). A função formativa ou propriamente docente, mesmo que reconhecida sua importância, não poderia ser efetivada nos primeiros anos, já que poderia "provocar restrições das autoridades governamentais" (Cebrap, Relatório 1974, p.3).

A criação do Cebrap portanto não esteve ligada somente às injunções conjunturais, mas também à preocupação de implementar novos métodos de trabalho visando superar a compartimentalização do conhecimento e os "constrangimentos" da estrutura universitária tradicional. Desde sua fundação em 1969, o Cebrap procurou estimular o trabalho coletivo e, sobretudo, o debate e a abordagem interdisciplinares dos temas estudados. No entanto, esta tendência não foi apenas fruto das demandas geradas ao nível do próprio conhecimento científico: foi, em boa medida, provocada também pelo caráter interdisciplinar do staff e os projetos de pesquisa comum da instituição.

### **Recrutamento do staff**

O núcleo inicial do staff de pesquisadores seniores do Cebrap, era constituído por sete integrantes: Juarez Brandão Lopes, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer, Elza Berquó, Cândido Procópio

Ferreira Camargo, José Artur Giannotti e Octávio Ianni, este último a partir de 1970. O perfil acadêmico desses membros fundadores apresentava certas características comuns, o que os tornava um grupo relativamente homogêneo. Por um lado, quase todos eles, cinco ao todo, tinham participado do Seminário de Marx; os sete tinham-se formado e/ou exercido atividades docentes na Universidade de São Paulo e, com uma única exceção, mais concretamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Havia uma nítida predominância dos formados em sociologia (4) sobre os de outras áreas: economia/demografia (1), estatística/demografia (1), filosofia (1). Todos obtiveram o título de doutor antes de 1967 e, quando em 1969 convergem no Cebrap com interesses intelectuais claramente definidos, ostentam, além de uma ampla experiência profissional, uma produção acadêmica já amadurecida.

É importante salientar que a coesão inicial deste grupo se deveu menos à convergência teórica do que a afinidades de natureza geracional e aos vínculos criados no contexto de uma tradição acadêmica específica, vínculos estes que seriam reforçados pelo clima político da época, o qual estimulou o sentimento de solidariedade entre os membros e tendeu a minimizar, pelo menos temporariamente, suas diferenças.

Francisco Weffort e Boris Fausto, que tiveram, como veremos, participação importante no desenvolvimento de estudos sobre a classe operária nos primeiros anos do Cebrap, não chegaram a integrar-se ao staff permanente. O mesmo vale, nesse período, para outros pesquisadores ligados ao estudo da classe operária: Regis de C. Andrade, Luis Werneck Vianna, Fabio Munhoz e Maria Herminia Tavares de Almeida.

Além do “núcleo original”, o staff permanente seria acrescido nos primeiros anos de vida do Cebrap com a inclusão de mais cinco cientistas sociais cassados pelo regime: Francisco de Oliveira e Bolívar Lamounier em 1970, Vilmar Faria e Carlos Estevam Martins em 1971, e Vinicius Caldeira Brandt em 1974. A partir dessa data, na década de 70, o grupo não será ampliado, a não ser pela chegada de José Serra, líder estudantil exilado que trabalhava como economista no Chile; e, pelo contrário, sofrerá “baixas” a partir de 1976.

A “segunda geração” apresenta um perfil diferente daquele dos fundadores. Em primeiro lugar, trata-se de um grupo de pessoas mais jovens, em sua maioria trazidos por Fernando Henrique Cardoso, e cuja produção acadêmica de maior peso se daria nos anos seguintes a seu ingresso no Cebrap. Muitos estavam em início de carreira: Carlos Estevam Martins acabava de defender sua tese de doutorado (1969); Vilmar Faria e Bolívar Lamounier o fariam depois, já dentro do Cebrap, em 1973 e 1974, respectivamente.

Todos três tiveram vínculos acadêmicos ou intelectuais com Belo Horizonte. Carlos Estevam Martins trabalhou junto com o grupo do Departamento de Ciência Política da UFMG, que continuava a tradição de sociologia eleitoral iniciada por Orlando de Carvalho através da *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, e Bolívar Lamounier e Vilmar Faria cursaram a licenciatura na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, onde seriam expostos a um “marxismo re-elaborado pela tradição católica” e a literatura do ISEB em voga.

Os três fizeram, igualmente, cursos de pós-graduação no exterior (EUA e Inglaterra), onde as influências recebidas foram consideradas um tanto difusas. Isso, porém, significou a assimilação “de um certo padrão de trabalho científico” e a preocupação com temas de cunho especificamente político: democracia, eleições, partidos etc. Para Carlos Estevam Martins, sua passagem por centros acadêmicos norte-americanos e pela Universidade de Essex na Inglaterra significaria de fato “perda de contato com a análise histórica e marxista”, o que só seria retomado no Cebrap.

A experiência universitária e profissional de Francisco de Oliveira já era outra: formado na área de ciências sociais pela Universidade de Recife em 1956, com passagem pela Sudene e realizando a maior parte de seus trabalhos nas áreas de planejamento e economia regional, com marcado interesse pelo Nordeste. Finalmente Vinicius Caldeira Brandt, recrutado em 1974, ligado anteriormente à luta guerrilheira, havia recentemente saído da prisão, onde fora torturado.



**Trajetória Acadêmica dos Membros do Cebrap\***

Quinquênio de nascimento	1920-25	25-30	30-35	35-40	40-45
	3	3	4		4

Instituição do último título acadêmico	USP	EUA	Outras Inst. Brasil	França
	6	5	2	1

Instituição anterior (ou paralela) ao Cebrap	IUPERJ	USP	Consultoria int.	Outros centros de ensino superior no Brasil	Não identificados
	2	8	1	2	1

\* Incluídos: Bolívar Lamounier, Cândido Procópio Ferreira Camargo, Carlos Estevam Martins, Elza Berquó, Francisco Weffort, Francisco de Oliveira, José Arthur Giannotti, José Serra, Juarez Brandão Lopes, Octávio Ianni, Paul Singer, Vilmar Faria, Vinicius Caldeira Brandt, Fernando Henrique Cardoso.

Em relação à tradição da USP de recrutar quadros docentes entre seus próprios alunos, o Cebrap foi indubitavelmente inovador: nenhum membro da nova geração estudou ou nasceu em São Paulo. A integração deste novo grupo no Cebrap não seria feita sem conflitos. Por um lado, tratava-se de intelectuais que não eram de São Paulo e que não tinham passado pela experiência da USP. Encontrariam dificuldades para se relacionar com os hábitos, códigos, enfim, com o complexo quadro de referências acadêmicas e pessoais da USP herdado pelo Cebrap através de seus fundadores.

O ambiente do Centro seria inicialmente percebido, de acordo com nossos entrevistados, como demasiado “pesado”, “catedrático”, “rigidamente hierarquizado” e, embora “... estimulante e de alto nível intelectual, não deixava de ter um impacto paralisante pela aura de prestígio que acompanhava a geração mais velha formada na USP”. Para quem não só acabava de chegar mas também não tinha saído ainda do anonimato acadêmico, as possibilidades de

obter um certo reconhecimento intelectual por parte de seus pares eram, dentro da estrutura elitista do Cebrap, muito limitadas, ainda que pertencer à instituição significasse grande prestígio frente ao resto da comunidade acadêmica. Mas no seio do Cebrap precisava-se, primeiro, “fazer um nome para logo barganhar”.

Este relativo fechamento que “capitalizava o prestígio na cúpula” teria conseqüências negativas no esforço de dar continuidade à instituição, dificultando a integração e a permanência do pessoal mais jovem. Para os entrevistados, as dificuldades de relacionamento não se deviam apenas a divergências de natureza ideológica ou estritamente intelectual, sendo fruto, em grande parte, do “mandarinato”, da “força da cátedra”, enfim, do “estilo USP” herdado pelo Cebrap, que fazia com que “os mais seniores se considerassem com direito a dirigir os mais jovens”.

Além do staff permanente, o Cebrap contou ao longo do tempo com a participação de um número considerável de pessoas integradas em diversas equipes de trabalho na condição de pesquisadores juniores, pesquisadores associados, assistentes de pesquisa, bolsistas e estagiários. Diante da relativa estabilidade do staff permanente, este grupo contrastava pela sua alta rotatividade. O processo de recrutamento do pessoal júnior não seguiu pautas ou diretrizes que obedecessem a uma política prefixada nesta área. A partir da existência de vagas em determinadas pesquisas é que se contratavam pessoas por um tempo determinado, em geral curto. Na época, para os estudantes de ciências sociais, um estágio no Cebrap era sinal de prestígio.

Em razão das afinidades intelectuais e dos vínculos pessoais desenvolvidos no decorrer da própria pesquisa, alguns pesquisadores conseguiram incorporar-se na execução de novos projetos e assim prolongaram sua permanência no Centro por mais um tempo. De todo modo, o vínculo empregatício da maioria das pessoas desse nível era bastante frágil e sujeito a um elevado grau de incerteza, dado que as perspectivas de passar à categoria de pesquisador sênior eram praticamente nulas. Assim, com o correr do tempo, a quase

totalidade desses pesquisadores acabou deixando o Cebrap, integrando-se em geral à vida universitária.

Além do envolvimento nos projetos de pesquisa específicos, resulta difícil precisar a participação do pessoal júnior na dinâmica intelectual do Centro. Observando a lista de conferencistas, constatamos que são poucas as ocasiões em que membros dessa categoria aparecem como expositores. É de supor que o clima desses debates acabava tendo um certo efeito paralisante e inibidor entre os mais jovens.

### **Organização interna**

A característica que mais sobressaía na organização interna do Cebrap na década de 70 era a inexistência ou o não-funcionamento de estruturas formais de tomada de decisões. Na sua criação formou-se um Conselho integrado por “notáveis” das ciências sociais e áreas afins, que teve, como é geralmente o caso, papel decorativo. Dentro da instituição inexistiam mecanismos de representação dos diferentes tipos de pesquisadores ou um órgão executivo formalizado, além da função de presidente.

Entre 1969 e 1984 os presidentes do Cebrap foram C. Procópio, J.B. Lopes, F.H. Cardoso e J.A. Giannotti. Na prática sua direção, na década de 70, esteve a cargo de uma *troika*, da qual participavam, dependendo do momento, Fernando Henrique Cardoso, Juarez B. Lopes, Paul Singer, Cândido Procópio Ferreira Camargo e José A. Giannotti. Ao lado dessa instância de poder havia, da mesma forma que em qualquer outra organização, uma hierarquia difusa de posições de poder intelectual e institucional. Dentro dessa hierarquia, nos primeiros anos do Cebrap, o grupo sênior da USP exercia um poder que dificilmente ousava-se questionar.

Ao nível intelectual certos membros ocuparam posições de particular evidência. Destaca-se o caso de José Arthur Giannotti, pensador brilhante e único filósofo do Centro que exercia um papel de superego teórico, guardião da ortodoxia para uns, incentivador

e fonte de inspiração teórica para outros. A figura que maior espaço ocupava no Cebrap era indubitavelmente Fernando Henrique Cardoso. A qualidade e a diversidade de sua obra, aliada ao carisma pessoal e à ampla e variada gama de relacionamentos no Brasil e no exterior, fizeram dele o pivô da instituição. Era sem dúvida o integrante de maior renome nacional e internacional, mantendo uma clara liderança entre os mais jovens e relações variadas e ricas com os membros de sua geração.

A concentração de poder na cúpula — apesar da abertura pessoal de alguns de seus membros — se refletia na definição dos rumos da pesquisa e dos temas a serem privilegiados em detrimento de outros que encontravam certa dificuldade para serem legitimados. Mas a situação passou a mudar à medida que o segundo grupo de recrutados do staff permanente consolidava seu prestígio intelectual e reivindicava uma participação efetiva nos órgãos decisórios. Assim, sem perder sua feição hierarquizada, a estrutura do Cebrap foi flexibilizando-se e passou a funcionar como um corpo colegiado, tornando-se aos poucos, nas palavras de um de seus membros, “uma oligarquia aberta”.

Entre os esforços de criar novos padrões de relacionamento procurou-se expandir o Conselho Técnico Científico, inicialmente constituído apenas pelos fundadores, de maneira a integrar também vários membros que tinham ingressado posteriormente. Em 1974 o Conselho, formado por dez pessoas, já registra os nomes de Francisco de Oliveira, Vilmar Faria e Bolívar Lamounier.

De certa forma o Cebrap refletiu na sua organização interna o imobilismo produzido pela vontade de não reproduzir a antiga estrutura hierárquica da USP sem, ao mesmo tempo, apresentar uma disposição clara e definida de orientar-se para formas mais representativas de organização. Esta situação, caracterizada por falta de regras precisas, terminou tendo repercussões negativas, em virtude da incapacidade de integrar em forma plena os novos elementos ascendentes dentro do Centro, cuja frustração provinha tanto do alijamento do poder como da falta de autonomia na negociação de projetos de pesquisas.